

CAMÕES

IC INSTITUTO
CAMÕES
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Nº 164 • 4 a 17 de maio de 2011
Suplemento da edição n.º 1059, ano XXX,
do JL, Jornal de Letras Artes e Ideias
com a colaboração do Instituto Camões

Comemorações Ásia 2011

Portugal – Tailândia

500 anos

Pág. 2 e 3



**Lídia Jorge
recebe
Prémio da
Latinidade**

Pág. 4

**Economia
das línguas
portuguesa
e espanhola
vai ser
debatida
em Lisboa**

Pág. 4



**Portugal –
Macau**
**Cooperação
nos
domínios
da língua,
ensino
e artes**

Pág. 4

Portugal – Tailândia: Uma aliança há 500 anos

■ Não é todos os dias que vemos dois países tão distantes entre si – pelo menos geograficamente –, como Portugal e a Tailândia, assinalarem os 500 anos do primeiro contacto, especialmente se tivermos em conta que os primórdios do relacionamento entre ocidentais e asiáticos nem sempre gozam dos favores das historiografias locais. Só que as relações tecidas entre Portugal e a Tailândia, o então o reino do Sião, foram, a todos os títulos, peculiares ao longo dos séculos.

O que se está então concretamente a comemorar? Muito simplesmente «a chegada de Duarte Fernandes, enviado de Afonso de Albuquerque, durante o cerco a Malaca, à corte do rei Rama Tibhodi II», em Ayutthaya (a capital à época), diz Luísa Dutra, responsável pelo Centro Cultural Português/Instituto Camões (CCP/IC) em Banguecoque, entidade que tem estado empenhada, desde novembro – quando da passagem pela cidade do navio-escola *Sagres*, visitado por 20 mil tailandeses em 5 dias –, nas comemorações, organizadas com as autoridades tailandesas.

«Nesse encontro, segundo relatos as fontes, o enviado português foi muito bem recebido, dando-se início a uma aliança histórica entre os dois países em termos militares, comerciais e políticos», explica Luísa Dutra, que desempenha igualmente funções de leitora do IC na Universidade de Chulalongkorn. Os tailandeses, acrescenta, «reconhecem» essa aliança «como ímpar na sua relação com o ocidente. Não só é a mais antiga, como tem a virtude de nunca ter sido ensombrada por qualquer tentativa de soberania».

O facto de coincidir com os 500 anos da tomada de Malaca pelos portugueses nem sequer consti-

tui verdadeiramente um problema. Afinal, Albuquerque, ao apoderar-se daquele porto crucial no comércio com as Molucas, a China e o Extremo Oriente – a única entidade de política que na península malaia escapava então à soberania do Sião – procurou a aliança dos tailandeses.

Para o embaixador de Portugal em Banguecoque, Jorge Torres Pereira, «quanto mais cultivada a consciência de como ocorreram efetivamente certos factos históricos, e tentando colocar as reacções a determinados eventos (como a consolidação dum ponto estratégico como Malaca num empreendimento tão complexo como a expansão do comércio marítimo entre a Europa e a Ásia) no seu devido tempo histórico e enquadramento geopolítico mais se evitará exacerbar sensibilidades, que, temos consciência, estão bem presentes».

O facto de se falar em aliança não é uma mera bravata histórica. Durante séculos, existiu na Tailândia uma comunidade portuguesa, cuja autorização de permanência no país vinha de uma longa série de serviços prestados aos monarcas siameses. «Fernão Mendes Pinto, na sua passagem por Ayutthaya, a que chamou *Veneza do Oriente*, relata a contribuição dada pelos soldados de fortuna portugueses nas diversas campanhas siamesas contra os reinos vizinhos; a guarda pessoal dos reis siameses integrou soldados portugueses pelo valor do seu conhecimento na utilização das armas de fogo e o bairro português chegou a contar cerca de 2.000 pessoas», diz Luísa Dutra.

O primeiro tratado entre o Sião e um país ocidental – Portugal – data de 1516. Nos seus termos, «os portugueses acordaram em fornecer armas e munições ao Sião

em troca da autorização do estabelecimento de feitorias comerciais em Ayutthaya, Ligor, Patani, Tenasserim e Mergui. Também lhes foi concedida a liberdade de culto religioso», segundo descreve o historiador inglês John Villiers, um especialista na região.

A comunidade portuguesa no Sião foi florescente, como atestam as escavações levadas a cabo no âmbito da restauração da Igreja de São Domingos em Ayutthaya (v. artigo neste suplemento sobre a exposição da Fundação Calouste Gulbenkian). Houve querelas, como seria de esperar num tão longo relacionamento, mas como sublinha Villiers, «em termos gerais, os portugueses não

se imiscuíram na política complicada e perigosa da corte siamesa». E quando Ayutthaya foi destruída em 1767, em consideração da ajuda dada nas guerras contra o rei birmanês, receberam uma concessão de terrenos em Banguecoque, «tendo assim podido continuar uma longa tradição de presença portuguesa no reino do Sião».

SESSÃO EM BANGUECOQUE
Assim, não admira que o governo de Banguecoque tenha constituído «uma comissão interministerial para levar a cabo uma comemoração condigna», uma ideia que o embaixador de Portugal diz remontar a 2009. Ainda segundo o diplomata,

«há algum tempo que está anunciada a oferta de um pavilhão em estilo tailandês (*Salathai*) a Portugal. Trata-se de um pavilhão em teca que será instalado no jardim fronteiro ao Palácio de Belém». Para além desta «significativa contribuição», «está prevista a oferta de uma edição sobre as relações diplomáticas entre os dois países, encomendada pelas autoridades tailandesas a uma instituição cultural crucial deste país (a *Siam Society Under Royal Patronage*)».

A «cerimónia solene» que assinala as comemorações terá lugar a 11 de maio, em Banguecoque, presidida pelo ministro dos Negócios Estrangeiros tailandês, Kasit Pyromit, em que o discurso da parte portuguesa competirá ao embaixador Torres Pereira.

Mas o programa das comemorações é bem mais extenso e incluirá o lançamento de um documentário televisivo sobre Portugal, a atribuição do prémio ao vencedor do concurso do logótipo dos 500 anos, seminários, edição filatélica comemorativa, o restauro da capela portuguesa da Igreja *Conception* (*Wat Noi*), em Banguecoque, o apoio à edição de livros sobre esta temática. «Fala-se ainda da realização, no estádio nacional de Banguecoque, dum jogo de futebol entre a academia dum clube de futebol português e uma seleção sub-19 tailandesa», refere o diplomata.

Afinal, se de Portugal os tailandeses têm, hoje em dia, «uma ideia algo desfocada no tempo», «para o tailandês comum o país é indissociável dos ídolos do futebol», reconhece Luísa Dutra, um facto «agora reforçado pela contratação de um treinador português, Henrique Calisto, para treinar o atual campeão nacional tailandês». De qualquer forma, sublinha a leitora, «é assinalável a admiração e carinho que [os tailandeses] têm pelos portugueses, não sei se devido ao facto de terem aprendido na escola que estes foram os primeiros ocidentais a chegarem ao Sião, se por terem deixado os fios de ovos, muito populares e muito apreciados e parte integrante de qualquer ementa festiva».

Igreja de São Domingos Ayutthaya, antiga capital da Tailândia



Programa comemorativo

■ O lançamento do livro sobre o Tratado Luso-Siamês de 1820, de Miguel Castelo-Branco, na *Siam Society*, em fevereiro, e a participação do historiador no simpósio do *National Museum Volunteers* sobre os 500 anos dos europeus no Sião «foi extremamente importante para marcarmos o significado que estas celebrações têm para Portugal e para a Tailândia», declara Luísa Dutra, responsável do CCP/IC de Banguecoque. Para além da exposição *The Portuguese Historical Heritage Throughout The World and the Calouste*

Gulbenkian Foundation, as comemorações – que tem uma página no Facebook (<http://www.facebook.com/500Years.PortugalThailand>) – prevêem uma outra exposição no *National Museum*, entre julho e o final do ano, que mostra «uma arca tailandesa e 3 representações do Menino Jesus, datadas do séc. XVII, em marfim, pertencentes à coleção Távora Sequeira Pinto, ‘em diálogo’ com peças tailandesas». «As figuras do Menino Jesus em posição muito pouco frequente, evocando as representações do Buda Reclinado,

são muito interessantes para os historiadores de Arte e significativas de influências artísticas, nos dois sentidos, entre duas culturas», sustenta Luísa Dutra. Em setembro, parte da coleção *Máscaras da Ásia*, do Museu do Oriente, poderá ser exposta no *Bangkok Art and Culture Centre*, cuja arquitetura evoca o *Guggenheim Museum* de Nova Iorque. Em outubro, Kátia Guerreiro participará no prestigiado Festival Internacional de Dança e Música de Banguecoque e em novembro, realizar-se-á um seminário internacional de historiadores, coorganizado pelo Instituto Oriente/Universidade Técnica Lisboa e a Universidade Chulalongkorn sobre as relações entre Portugal e Tailândia.

Vestígios portugueses

■ Os vestígios da presença portuguesa na Tailândia são visíveis em Banguecoque, segundo refere Luísa Dutra, responsável do CCP/IC. O edifício da Embaixada de Portugal foi construído num terreno cedido em 1820 pelo monarca siamês a Portugal para o estabelecimento de uma feitoria e residência do cônsul.

Os vestígios são também visíveis nos bairros circundantes das igrejas da Imaculada Conceição e de Santa Cruz, de onde são oriundas várias famílias luso-siamesas, cujos apelidos nalguns casos remontam a mais

de 400 anos – adianta Luísa Dutra.

Os ecos dessa «forte presença humana» evidenciam-se em tradições de diversos domínios e até no vocabulário. «Não podemos esquecer que a língua portuguesa substituiu aqui como língua franca até meados do séc. XIX, a ponto de ter sido adotada em 1833, a par do mandarim, no primeiro tratado de amizade, comércio e navegação entre o Sião e os Estados Unidos, visto que nenhuma das partes conhecia suficientemente a língua nacional da outra».

Património português mostrado em Banguecoque

◀ O património – arquitetónico e artístico – construído pelos portugueses no mundo, ou cujas características revelam uma influência portuguesa, é incontável. Parte estará preservada, parte estará abandonada, mas algum tem sido objeto dos cuidados de recuperação de índole variada, com a contribuição da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG). Agora, esse trabalho desenvolvido desde 1956 na África oriental e na Ásia vai ser mostrado numa exposição itinerante neste último continente.

Em Banguecoque, onde vai ser inaugurada a 10 de maio, primeira etapa de um périplo que a levará a Jacarta e Macau no quadro das comemorações de Portugal na Ásia, a exposição coincidirá com o ponto alto da evocação dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Sião, atual Tailândia, apoiada pela Missão Comemorações Ásia, Embaixada de Portugal e Instituto Camões.

A exposição *The Portuguese Historical Heritage Throughout The World and the Calouste Gulbenkian Foundation*, de que é curadora Maria Fernanda Matias, do serviço internacional da FCG, nasceu em 2001, tendo sido mostrada já em Paris (por duas vezes, a última das quais em 2010, na UNESCO), Bilbao, Barcelona e também em Portugal. Alvo de uma reformulação significativa, para atualizar a sua apresentação, a exposição não é sempre mostrada na mesma configuração – como agora acontece para se enquadrar no projeto da Missão Comemorações Ásia –, razão pela qual Maria Fernanda Matias reconhece que podemos falar de uma

mostra de «geometria variável».

A exposição é, segundo a responsável do Centro Cultural Português/Instituto Camões (CCP/IC) de Banguecoque, Luísa Dutra, «a primeira iniciativa em que colaboram instituições dos dois países: a Fundação e o IC e, da parte tailandesa, o *Fine Arts Department* (FAD, organismo dependente do Ministério da Cultura) e o *National Museum of Banguecoque*», onde será mostrada até 2 de junho.

A colaboração entre o FAD e a FCG iniciou-se nos anos 80, quando esta última financiou as escavações arqueológicas no *Baan Portuguet* («Campo Português»), onde se situava a antiga feitoria – estabelecida depois do tratado de amizade e comércio de 1516 entre Portugal e o Sião – e três igrejas de Ayutthaya, a capital do reino tailandês até ao século XVIII, lembra Luísa Dutra.

«As escavações permitiram a descoberta de um cemitério com inúmeros esqueletos de adultos e crianças, portugueses e siameses, bem como objetos diversificados (moedas, medalhas, crucifixos)», acrescenta a responsável do CCP/IC. «Na fase seguinte procedeu-se à reabilitação do sítio. As ruínas da Igreja de São Domingos e parte do cemitério podem hoje ser visitados pelo público». A intervenção, concluída em 1995, contemplou também a construção de um pavilhão para albergar as dezenas de ossadas encontradas e um cais para permitir o acesso fluvial a partir de Banguecoque.

A mostra compreende enormes painéis com fotografias e textos relativos a intervenções efetuadas

ou patrocinadas ao longo dos anos pela FCG, entidade que também é responsável pela edição de uma obra monumental em três volumes (entretanto traduzida para inglês), dirigida pelo historiador José Mattoso, em que é feito um levantamento exaustivo do património português no mundo até ao século XX.

ÁFRICA ORIENTAL E ÁSIA

Na África oriental mostra-se o Forte de Santiago, em Quíloa, na Tanzânia, edificado em 1505, e intervenção em 1999 na base um projeto oferecido pela FCG, e o Forte de Jesus (construído a partir de 1593), em Mombaça, no Quênia, o primeiro monumento a ser restaurado no mundo pela fundação, em 1958, dois anos depois de uma visita de Charles Boxer e Carlos Azevedo – que recolheram informação publicada em livro e novamente alvo de intervenção em 2001.

No continente asiático, a exposição mostra duas fortalezas no Irão, a de Ormuz, iniciada em 1507 por Afonso de Albuquerque, e a de Qeshm, ligada ao dispositivo logístico de Ormuz. Relativamente a ambas, a FCG ofereceu às autoridades iranianas projetos de reabilitação.

Da Índia, a exposição evoca a instalação em Rachol, feita em 1994 pela FCG, de um museu de arte sacra indo-portuguesa, cujas peças foram posteriormente transferidas para o Convento de Santa Mónica, em Velha Goa, onde podem vistas no *Museum of Christian Art*. Ainda no campo da museologia, está o museu indo-português de Cochim, inaugurado em 2001, no Estado do Kerala, cujo projeto foi realizado pela FCG. No subcontinente indiano, mostra-se também a intervenção financiada pela fundação e terminada em 2009 na catedral de Calecute, construída pelos portugueses em 1724, e a intervenção na Igreja do Santo Rosário, em Dacca (Bangladesh), de 1677, na base de um projeto desenvolvido pela FCG.

Chegada ao sudeste asiático, a exposição, depois de mostrar a reabilitação das ruínas da Igreja de São Domingos, da feitoria portuguesa de Ayutthaya, «segue» para Malaca, com a apresentação da Porta de Santiago, o último vestígio da fortaleza construída pelos portugueses após a tomada da cidade por Afonso de Albuquerque, em 1511, e da Igreja de São Paulo, construída por jesuítas portugueses.

A cruz de Fernão Magalhães, monumento erigido em Cebu, nas Filipinas, no local em que o navegador português colocou uma cruz de madeira para assinalar a sua passagem em 1521, e o palácio da água, em Yogyakarta, na Indonésia, construído no século XVIII na base de planos de um arquiteto de ascendência portuguesa de Goa ou Malaca, completam as intervenções da FCG mostradas numa exposição em que, além dos painéis com fotografias, as maquetas constituem um dos principais motivos de interesse.



Viagem a Malaca

Protagonistas: 60 alunos, dois professores de português e cinco funcionários da Universidade Malaya de Kuala Lumpur; data: 5 de março; destino: Malaca, ou mais propriamente o bairro português da cidade; motivo: passaram 500 anos desde que os portugueses tomaram e mantiveram durante 50 anos esta estratégica cidade da península malaia.

A ideia partiu de Ruzaini Fikri, estudante do bacharelato de História e aluno do nível 2 de Língua Portuguesa. «Cristiana, este é o ano da comemoração dos 500 anos! A embaixada não vai fazer nada...?!» Na Malásia, repeti, há apenas um consulado honorário de Portugal. Fikri avançou então que uma boa maneira de comemorar seria organizar uma visita de estudo a Malaca, classificada em 2008 como património da Humanidade pela UNESCO.

Dos 116 alunos que frequentam este ano as minhas 5 turmas de português, seja no curso livre seja como opção curricular, 60 quiseram ir. Pediram-se apoios. A Faculdade de Línguas e Linguística da Universidade Malaya cedeu um autocarro (a comitiva incluiria mais 5 viaturas particulares) e pagou metade das despesas. Os outros 50% seriam oferta minha aos alunos.

A viagem foi – como é próprio destas coisas – muito animada. O engenheiro dos audiovisuais da Faculdade entrevistou vários alunos para saber o que esperavam e porque se tinham juntado à viagem. Eu tinha preparado fotocópias de algumas canções, com as respetivas traduções. Cantou-se animadamente a Tia Anica, Ó Malhão, Malhão, É uma casa portuguesa, com certeza e Jingli Nonya, uma canção muito conhecida da comunidade portuguesa de Malaca.

Chegámos a Malaca pouco antes das 11 horas e fomos visitar a 'Porta de Santiago', subimos à Igreja de São Paulo e vimos as ruínas da fortaleza e da catedral que os portugueses construíram em 1511. Fikri, que participa num projeto que envolve a comunidade dos 'portugueses de Malaca', ajudou nas explicações e contou a lenda do crucifixo de S. Francisco Xavier, perdido no meio de uma tempestade e aparecido nas costas de um caranguejo, cujo tipo ainda hoje os descendentes de portugueses, pescadores na sua maioria, não comem.

Seguiu-se a visita ao bairro português, preparada pelo regedor, Peter Gomes, e pelo seu nº 2, Michael Banerji. A comunidade de 'portugueses de Malaca' é uma minoria reconhecida autoridades da Malásia, mas sendo fundamentalmente constituída por pescadores pobres tem tido dificuldade em manter a sua identidade peculiar, alicerçada na religião cristã e na língua que fala, um crioulo de base portuguesa, o papia kristang.

Nos últimos dois anos, crianças pertencentes à pequena comunidade aprenderam português, graças a um projeto da ONG portuguesa Korsang di Melaka (Coração em Malaca), apoiado pelo Instituto Camões e protagonizado por Cátia Candeias, licenciada em desenvolvimento comunitário, entre tanto regressada a Portugal. A Cátia ajudou a reavivar o crioulo no bairro. Ela falava com as pessoas em crioulo e as crianças adoravam ir às suas aulas. Até ao domingo, às vezes, lhe pediam aulas...

A vista ao bairro compreendeu uma ida ao museu comunitário e almoço com pratos tradicionais, seguidos de espetáculo pelo grupo cultural Papa Joe, em tudo semelhante a um grupo folclórico português, amplamente filmado e fotografado. Cantou-se, dançou-se e os alunos puderam constatar que existia mesmo uma comunidade de descendentes de portugueses em Malaca, e orgulhosa de o ser, de que eu tinha falado muitas vezes nas aulas...

Depois de um momento para perguntas e respostas sobre a comunidade, seguiu-se um passeio pelo bairro, em que o vice-regedor fez de cicerone, explicando a importância de determinados locais, edifícios e costumes. Uma paragem para aproveitar um pouco a agradável brisa que se sentia junto à costa e o regresso a Kuala Lumpur. Para os alunos de nível 1, a viagem acabou e ficou a memória, para os de nível 2 também, mas eles sabem que ainda vão ter de escrever uma composição sobre este dia...

Ao saber do sucesso da visita, a direção da faculdade manifestou interesse em repetir a viagem. O que será tentado com mais professores e funcionários e com novos alunos. Voltaremos a Malaca, sempre, é claro! Em Português! MARIA CRISTIANA CASIMIRO, LEITORA DO IC NA UNIVERSIDADE MALAYA



Portugal-Macau Cooperação nos domínios da língua, ensino e artes

■ A cooperação cultural, nomeadamente nos domínios da língua, do ensino e das artes, esteve em destaque na I Comissão Mista Portugal-Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), que teve lugar a 6 de abril neste último território.

Na reunião, em que o Instituto Camões (IC) integrou a delegação portuguesa através da sua Presidente, Ana Paula Laborinho, foi decidido desenvolver a cooperação entre o IC, nomeadamente através do IPOR, e as instituições da RAEM no domínio da formação e qualificação em língua portuguesa, tendo em conta «o papel de Macau enquanto plataforma de ligação aos países e regiões de língua oficial portuguesa».

Assim, a reunião reteve a necessidade de implementar no Departamento de Português da Universidade de Macau o Protocolo da Cátedra de Camões, entre a Universidade de Macau, a Fundação para a Ciência e Tecnologia, a Fundação Oriente, o Banco Nacional Ultramarino e o Centro Científico e Cultural de Macau.

As delegações de Portugal e da RAEM acordaram também iniciar o processo de alteração do Acordo de Cooperação na área da Educação e da Cultura, no sentido de alargar o seu âmbito de aplicação.

Foi decidido explorar uma parceria trilateral entre o Ministério da Cultura de Portugal, o IC e o Instituto Cultural de Macau, para a organização conjunta de atividades no âmbito das indústrias criativas e culturais e o intercâmbio de artistas e criadores, nomeadamente através de um programa de residências artísticas.

A possibilidade de um projeto de intercâmbio na área do design e da arquitetura - participação de designers, arquitetos e das orquestras de Macau nas atividades no âmbito de Guimarães 2012, Capital Europeia da Cultura - vai ser explorada no dizer dos responsáveis dos dois lados, que acordaram ainda a realização em Macau da exposição Património Histórico de Origem Portuguesa no Mundo (v. artigo neste suplemento).

No campo educativo, Portugal e Macau vão estudar um sistema de reconhecimento mútuo de habilitações entre instituições de ensino e potenciar os programas Erasmus Lusófono e Erasmus Mundus, em particular a mobilidade de docentes e estudantes do ensino superior.

A I Comissão Mista Portugal-RAEM debruçou-se também sobre a cooperação económica e nas áreas da justiça e da administração pública.

A próxima reunião da Comissão Mista terá lugar em Lisboa, em 2013.

Economia das línguas portuguesa e espanhola vai ser debatida em Lisboa

■ Académicos, gestores, agentes culturais e jornalistas vão debater a 19 de maio, em Lisboa, as ligações entre línguas e economia, num colóquio promovido conjuntamente pelo Instituto Cervantes, de Espanha, e pelo Instituto Camões (IC).

O colóquio, que terá como palco a sede do IC, será encerrado pelas responsáveis máximas dos institutos de língua e cultura dos dois países ibéricos, Carmen Caffarel, Diretora do Instituto Cervantes, e Ana Paula Laborinho, Presidente do Instituto Camões, que falarão da promoção conjunta das línguas portuguesa e espanhola.

Antes, os participantes poderão ouvir responsáveis pelas equipas que, em Portugal e Espanha, fizeram estudos sobre o valor económico do português e do espanhol.

Luís Reto, reitor do ISCTE-IUL, dirigiu a equipa de investigadores do seu instituto que apresentou em 2008 o estudo relativo a Portugal, encomendado pelo IC em 2007, e que revelou representar a língua portuguesa 17% do PIB nacional. Do lado espanhol estará presente o economista José Luis García Delgado, da Universidade Complutense, que juntamente com os professores José Antonio Alonso e Juan Carlos Jiménez publicou um estudo sobre a importância económica do espanhol, na sequência de investigações realizadas desde 2005.

A primeira sessão do colóquio, sobre 'línguas, comércio externo e investimento estrangeiro' terá como moderador Adriano Moreira e compreenderá dois painéis, o 1º sobre perspetivas institucionais, com representantes do ICX espanhol e da AICEP portuguesa, e o 2º sobre perspetivas empresariais, com representantes da GALP, Repsol, Santander e BES.

À tarde, depois da sessão sobre o 'valor económico das línguas portuguesa e espanhola', que terá moderação de Maria de Lurdes Rodrigues, Presidente da FLAD, seguir-se-á a sessão relativa a 'línguas, cultura e comunicação', moderada pelo deputado José Ribeiro e Castro.

O 1º painel desta sessão, sobre 'economia da cultura', contará com a participação de José Pedro Ribeiro, Diretor do ICA (Portugal) e de Carlos Quadros, Diretor-geral do Instituto de Cinematografía (Espanha). O 2º painel, sobre 'informação e cultura', terá como oradores Fernando Rodrigues La Fuente, Subdiretor área da cultura do diário ABC e ex-Presidente do Instituto. Cervantes, e José Carlos Vasconcelos, Diretor do JL.

Dia da Língua Portuguesa a 5 de maio

■ Uma exposição de livros de autores de língua portuguesa traduzidos para outros idiomas, a leitura de textos literários de língua portuguesa e uma sessão de música com letras de poetas lusófonos pelo cantor Manuel Freire assinalam em Lisboa, no Instituto Camões (IC), a 5 de maio, o 'Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa' (CPLP).

Manuel Freire, conhecido pela sua interpretação de *Pedra Filosofal*, é autor de um álbum com o seu nome, de 1979, em que musicou poemas de António Gedeão, José Gomes Ferreira,

Fernando Assis Pacheco, Eduardo Olímpio, Sidónio Muralha e José Saramago.

A rede no exterior de centros culturais, centros de língua e leitorados do IC e as embaixadas portuguesas vão também marcar a data com 'cadeias de leitura' de autores de língua portuguesa, a exibição de filmes de criadores dos oito países da CPLP e outras atividades, por vezes em parceria com as representações dos restantes estados membros.

O sítio do IC na internet criou entretanto uma página dedicada à data, onde a par de notícias e referências aos eventos

programados, podem ser lidos textos de autores de língua portuguesa.

Trata-se da segunda vez que os países da CPLP comemoram este dia, instituído a 20 de julho de 2009, por resolução da XIV Reunião Ordinária do Conselho de Ministros da CPLP, realizada na Cidade da Praia, Cabo Verde.

O documento da CPLP justificava a decisão pelo facto de a língua portuguesa constituir, entre os povos da comunidade, «um vínculo histórico e um património comum resultantes de uma convivência multissecular que deve ser valorizada».

Lídia Jorge recebe Prémio da Latinidade



■ O Prémio da Latinidade João Neves da Fontoura de 2011 é entregue hoje, em Lisboa, à escritora Lídia Jorge, numa sessão solene que tem lugar às 16:30, na sede do Instituto Camões, durante a qual se assinala também o Dia da Latinidade. Presidido pelo ensaísta Eduardo Lourenço, o júri da edição do galardão deste ano decidiu atribuí-lo a Lídia Jorge «pela consagração da sua obra como escritora que muito tem contribuído para o enriquecimento do património cultural e literário do Portugal contemporâneo».

Até 2008 designado por Prémio da Latinidade 'Troféu Latino', passou em 2009 a ter o nome de Prémio da Latinidade João Neves da Fontoura, ministro dos Negócios Estrangeiros brasileiro a quem se deve a criação da União Latina como organização internacional.

Com este Prémio, criado em 2002, a União Latina visa homena-

gear uma personalidade ou instituição que se tenha distinguido, pela sua obra, na difusão da Latinidade, nos domínios artístico, literário ou científico.

Nascida em Boliqueime, no Algarve, em 1946, Lídia Jorge licenciou-se em Filologia Românica na Universidade de Lisboa, deu aulas, escreveu quinze livros editados em várias línguas, entre eles romances, antologias de contos e uma peça de teatro.

A publicação do seu primeiro romance, em 1980, *O Dia dos Prodigios*, foi considerada marcante, num período em que se tinha iniciado uma nova fase da literatura portuguesa.

Nas edições anteriores foram galardoados o cineasta Manoel de Oliveira (2002), o ensaísta Eduardo Lourenço (2003), o arquiteto Álvaro Siza Vieira (2004), o ex-Presidente da República Mário Soares (2005),

a investigadora de estudos clássicos Maria Helena da Rocha Pereira (2006), o historiador José Mattoso (2007), o ator e encenador Luís Miguel Cintra (2008), o artista plástico Júlio Pomar (2009) e o arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles (2010).

Fundada em 1954, a União Latina é composta por 36 Estados de língua oficial ou nacional românica e tem como objetivo promover a reflexão sobre os valores culturais e linguísticos do conjunto da comunidade latina e a consciência da identidade cultural comum destes povos.

Durante a sessão, intervirá a presidente do Instituto Camões, Ana Paula Laborinho, o embaixador e secretário-geral da União Latina, José Luís Dicente Ballester, o presidente do júri, Eduardo Lourenço, o reitor da Universidade Aberta, Carlos Reis, que apresentará a laureada, e Lídia Jorge. Encerrará a sessão o secretário de Estado dos Assuntos Europeus, Pedro Lourtie, que preside à sessão solene.

IC INSTITUTO CAMÕES PORTUGAL

Instituto Camões

Rua Rodrigues Sampaio, 113
1150-279 Lisboa

TEL. 351+213 109 100

FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt

jlencarte@instituto-camoes.pt

PRESIDENTE Ana Paula Laborinho

COORDENAÇÃO Mário Filipe

COLABORAÇÃO Carlos Lobato;

Ricardo Neves